DOI 10.5216/ov18i1.47391

AS RELÍQUIAS CRISTÃS E A APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO TERRITÓRIO

*Renata Cristina de Sousa Nascimento**

Resumo: A questão das fronteiras e/ou delimitação de limites territoriais se constituiu, desde sempre, em campo de tensão. No contexto ibérico medieval as vivências e os processos de deslocamento espaço-temporais estiveram envolvidos nas dinâmicas expressas nos confrontos entre cristãos e muçulmanos, e também entre os próprios reinos cristãos. A historiografia tem se debruçado há tempos sobre estas temáticas, sofrendo um processo de constante reelaboração. Para a compreensão desta experiência múltipla, de definição e redefinição fronteiriça, entre reinos e cidades, deve-se levar também em consideração a busca pela sacralização do território. Para que este processo se efetivasse foi necessária a introdução de signos identitários que fortalecessem a memória das populações, inserindo-as no ambiente em que viviam. Neste texto temos a pretensão de discutir o papel exercido pelas relíquias cristãs enquanto fatores de referência, tendo função eficiente também na ocupação do espaço geográfico. Para tanto elencamos a importância do Santo Lenho de Marmelar, relíquia simbólica, que contribuiu para fomentar o prestígio da região do Alentejo, em um contexto complexo, de ocupação de fronteiras.

Palavras-chave: Relíquias; Memória; Sacralização.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. Participante Núcleo de Estudos Mediterrânicos da mesma universidade. Professora da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil; da Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil; e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: renatacristinanasc@gmail.com

THE CHRISTIAN RELICS AND THE SYMBOLIC APPROPRIATION OF THE TERRITORY

Abstract: The question of borders and/or delimitation of territorial limits has always been constituted in fields of tension. In the medieval Iberian context the experiences and processes of space-time displacement were involved in the dynamics expressed in the confrontations between Christians and Muslims, and also among the Christian kingdoms themselves. Historiography has long been concerned with these issues, undergoing a process of constant re-elaboration. To understand this multiple experience, of definition and border redefinition, between kingdoms and cities, one must also take into account the search for the sacredness of the territory. In order of this process to take place, it was necessary to introduce identity signs that strengthened the memory of the populations, inserting them in the environment in which they lived. In this text we have the pretension to discuss the role played by the Christian relics as factors of reference, having an efficient function also in the occupation of the geographical space. To this end, we highlight the importance of the Santo Lenho de Marmelar, a symbolic relic, which contributed to foster the prestige of the Alentejo region, in a complex context of occupation of frontiers.

Keywords: Relics; Memory; Sacralization.

LAS RELIQUIAS CRISTIANAS Y LA APROPRIACIÓN SIMBÓLICA DEL TERRITORIO

Resumen: La situación de las fronteras o la fijación de límites territoriales constituyeron, desde siempre, campos de batalla. En el contexto ibérico medieval las vivencias y los procesos de desplazamiento espacio-temporales estuvieron envueltos en dinámicas expresadas en los conflictos entre católicos y musulmanes, y también entre los propios reinos de la cristiandad. La historiografía se ha dedicado desde hace mucho tiempo a estas temáticas, pasando por un proceso de constante reelaboración. Para la comprensión de esta experiencia múltiple, de definición y redefinición fronteriza, entre reinos y ciudades, se debe también considerar la busca por la sacralización del territorio. Para que este proceso se llevara a cabo fue necesaria la introducción de signos que dieron identidad y que fortalecieron la memoria de las poblaciones, insertándolas en el ambiente en que vivían. En este texto tenemos la intención de discutir el papel ejercido por las reliquias cristianas en lo que se refiere a factores de referencia, teniendo una función eficiente también en la ocupación del espacio geográfico. Por lo tanto destacamos la importancia del Santo Leño de Marmelar, reliquia simbólica, que contribuyó para fomentar el prestigio de la región del Alentejo en el contexto complejo de la ocupación de fronteras.

Palabras clave: Reliquias; Memória; Sacralización.

Os valores e os significados de elementos presentes na religiosidade cristã foram construídos desde o surgimento, e futuro estabelecimento, desta manifestação no Império Romano. Apesar de inicialmente perseguida, o crescimento do número de fiéis foi garantido pela criação de símbolos que seriam compartilhados entre os membros da comunidade. Ao redor dos vestígios corporais de homens considerados santos surgiu o culto às relíquias. Entre o mosaico de representações dos signos cristãos, os fragmentos da *Vera Cruz* teriam *status* diferenciado. Entendemos que as relíquias são representações simbólicas, inseridas em um contexto cultural específico, em um conjunto de práticas. São os homens que dão sentido às coisas pelo modo que as utilizam, ressignificando-as. Portanto nada têm um sentido por si só, estes signos culturais são compartilhados:

> Basicamente, a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o compartilhamento de significados – entre os membros de um grupo ou sociedade. Afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro. Assim, a cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e dêem sentido às coisas de forma semelhante. (HALL, 2016, p. 20).

Outro elemento importante que Hall (2016) destaca é que a cultura se relaciona a sentimentos, emoções, a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e ideias. Portanto, as emoções associadas a esses vestígios sagrados os definem, em última instância. Eles foram integrados em práticas e rituais específicos, investidos de grandes significados, e seu culto foi estruturado garantindo seu valor mágico, sendo mediado pela ação do clero. A posse das relíquias cristãs trazia prestígio político e *status* religioso a uma região. Os fiéis acreditavam que estes objetos possuíam essência sobrenatural, servindo como amuletos contra o mal e a má sorte: "Todas elas garantiam determinadas ajudas, proteções e intercessões, daí lhes advindo desde muito cedo uma classificação entre os tesouros mais preciosos" (GOUVEIA, 2001, p. 120). Para o crente estes objetos foram santificados através do contato com seu possuidor, adquirindo distinção sociorreligiosa. Ao aproximarem-se destes objetos os devotos procuravam incorporar a graça que deles emanava.

Fonte de relíquias inesgotáveis, a cidade de Jerusalém serviu como inspiração para a rememoração da história cristã em outros espaços do ocidente. As expressões religiosas necessitam de uma memória para se fortalecerem, nesse aspecto as relíquias compõem materialmente esta memória. A encarnação do Messias, e seu sacrifício pela humanidade estão marcados por cenas, lugares e objetos que foram durante séculos incorporados na tradição cristã. Entre estes está a cruz, elemento de martírio e de dor, mas dotada também de um significado maior, o de salvação e redenção. Sabe-se que fragmentos desta memorável relíquia foram espalhados por toda a cristandade. Entre estes encontra-se o de Marmelar, objeto deste texto. No entanto, antes da análise do aparecimento da Vera Cruz de Marmelar no sul de Portugal, é preciso uma digressão a espaços simbólicos que serviram de inspiração para a ocupação cristã do território. Para tanto dividimos nossa abordagem em três momentos:

1. O Modelo: a estruturação do espaço cristão na Palestina
2. A Fronteira Ibérica e a Ordem do Hospital
3. O Santo Lenho de Marmelar: usos simbólicos e políticos

Muitas relíquias foram obtidas em Jerusalém e Roma, também ela berço do cristianismo ocidental. Da cidade santa e da cidade eterna emanavam objetos de todo tipo, falsos e verdadeiros, que povoaram igrejas, monastérios e ajudaram a compor rotas de peregrinações, contribuindo para o mapa geográfico da santidade. Corpos de santos, objetos e relatos hagiográficos também atuaram como elementos chave neste imaginário singular. Estes evocam reações emotivas em uma sociedade dominada pelo pensamento simbólico, e por práticas cultuais intensas. Um mundo invisível, em que os homens tentavam interpretar seus mistérios.

> [...] as crenças acerca dos seres invisíveis que povoam o Céu, o Inferno e os outros lugares do Além suscitaram algumas das práticas mais arraigadas, mais complexas, mais perturbadoras e mais criativas de novas práticas e novos rituais. Em certos casos inspiraram sistemas coerentes; noutros aparecem como elementos contraditórios ou até absurdos de uma visão do mundo, peculiar de certo período (aqui no caso a Idade Média). O seu conjunto pode formar uma espécie de mapa do Além e das suas interferências no universo visível; inspira estratégias de defesa ou de captação de poderes alheios. A sua evolução global e as suas alterações parciais parecem indomáveis, apesar das constantes tentativas de controle da sua formulação e da sua prática por parte das autoridades religiosas e políticas. (MATTOSO, 2013, p. 8).

Objetos de culto e de prestígio, a posse das relíquias garantia a perpetuação da memória viva dos heróis da fé, uma ponte que ligaria os vivos aos mortos. Portanto estes santos objetos teriam importância para além de seu papel cultual. Seriam inseridos dentro da elaboração de uma geografia sagrada, necessária à ocupação cristã do território, frente às constantes ameaças dos mouros. No oriente, a romanização de Jerusalém tornou-se intensa após Adriano, que governou o império de 117 a 138. Buscando helenizar os territórios conquistados, Adriano suplantou a cidade sagrada dos judeus[1], já bastante destruída devido à revolta do ano 70, e a cidade tornou-se então Aélia Capitolina, abrigando em seu interior uma série de templos pagãos. A partir daí a antiga província da Judéia passaria a ser chamada de Palestina. Com a crescente ascensão de Constantino ao poder (306[2]), após um complicado processo sucessório, o cristianismo ganharia espaço adquirindo elementos identitários fundamentais para sua consolidação. A nova fé concretizava-se com o apoio do império, rememorando seu espaço santo, demarcando territórios e lugares que envolviam as narrativas sobre a humanidade de Jesus (NASCIMENTO, 2017).

1 - O Modelo: a estruturação do espaço cristão na palestina

Na cidade de Jerusalém existiam diversos elementos religiosos necessários à legitimação da nova religião. As narrativas bíblicas delimitavam os espaços físicos em que Cristo e os apóstolos haviam estado. Sob esse aspecto, a cidade santa dos judeus representaria a essência

e o significado da nova fé, sendo então reinventada, assumindo sua importância enquanto palco da ação salvífica do filho de Deus. Constantino em 324 tornou-se efetivamente o novo governante: "Está assente que, desde muito cedo, [Constantino] irá manifestar um favor acentuado à Igreja: ofertas em dinheiro, terrenos, palácios, financiamento de basílicas em Roma e em Jerusalém." (MARAVAL, 2008, p. 51). Esse projeto visava a gradativamente incorporar os signos cristãos à Terra Santa. Maraval (2008) acentua inclusive uma espécie de conversão do Império ao cristianismo. Por mais que essa observação não seja consensual, é impossível negar que houve um programa de edificações imperiais, que visava a suplantar os lugares santos antigos e criar os novos.

> En esta situación, el emperador caro a Dios promovió en la provincia de Palestina otra empresa de la máxima relevancia, digna de ser rememorada. Cuál era ésta? Se le ocurrió pensar que era su deber hacer que el benditíssimo lugar de la resurrección del Salvador en Jerusalén llegara a ser eximio y venerable. Al punto, pues, ordenó construir un edificio dedicado a la oración, concibiendo el proyecto no sin el concurso divino, antes bien, inducido por el mismo espíritu del Salvador. (CESARÉIA, 2010, p. 288-289).

Lugares bíblicos de Jerusalém, da Galileia e do Monte Sinai foram aos poucos sofrendo demarcações, que expressavam sua incorporação à história cristã. O importante era que esses espaços fossem reconhecidos por seus adeptos, estabelecendo uma realidade palpável, uma relação de intimidade com a divindade. A dimensão mística do território foi garantida, sendo essa região santificada para a nascente comunidade cristã. "Considerar as narrativas dos Evangelhos, canônicos ou apócrifos, em diálogo com tradições religiosas correntes do Judaísmo do segundo templo permitem reconstruir historicamente a importância de Jesus de Nazaré" (NOGUEIRA, 2010, p. 78), tanto para a época dessas narrativas, quanto para seus seguidores. A tradição discursiva, associada aos espaços visíveis da atuação do filho de Deus na terra, construiu teias de sentido necessárias à afirmação do cristianismo frente às manifestações religiosas concorrentes. Na Idade Média a cidade santa apareceria como centro do mapa do mundo, sendo a fé cristã arraigada nesses símbolos do passado existentes em seus espaços. O Novo Testamento trazia referências geográficas precisas dos passos de Cristo até o Calvário, sendo a Igreja do Santo Sepulcro, consagrada no ano de 335, o mais importante dos locais cristãos na Terra Santa. O local da construção da Basílica englobava os cenários da crucificação e do sepulcro de Cristo. Assim, a crescente ressignificação abriu as portas da região aos peregrinos, e Jerusalém reconquistou sua antiga importância, agora sob uma nova égide.

Figura 1 - Imagem atual da Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém



Fonte: Disponível em: <http://galeriabiblica.blogspot.com.br/2013/06/a-igreja-do-santo-sepulcro-jerusalem.html>. Acesso em 09 abr. 2018.

A realidade celeste na terra era revivida nos espaços santificados pelos pés de Cristo e seus apóstolos. Outro episódio bastante significativo se refere ao *achamento* da Santa Cruz no Gólgota por Helena, mãe de Constantino. Conforme a tradição, Helena teria peregrinado aos santos lugares entre os anos de 326-327. Nessa ocasião delimitou os lugares relativos aos episódios da vida de Cristo, tendo por guia, como já afirmado, os Evangelhos. Pedaços do *Lignum Crucis* ficaram em Jerusalém e outros foram levados a Roma. O fervor pelos locais santos foi tamanho que várias comunidades monásticas aí se estabeleceram, solidificando a presença cristã na região. O modelo inaugurado pelo projeto imperial constantiniano ampliou-se para outros espaços, englobando Constantinopla e Roma. Esse padrão de construção de igrejas, ao redor de vestígios santos, se estenderá por toda a cristandade. A arqueologia santa na Palestina trouxe visibilidade e identidade à primeira comunidade cristã, estabelecendo adereços e interpretações várias sobre a encarnação de Deus, e legitimando as narrativas sobre a história de Jesus neste mundo. Vários objetos sagrados tiveram por origem teórica tal região, sendo Jerusalém considerada uma cidade-relíquia.

Com a derrota bizantina frente aos muçulmanos, a cidade foi conquistada pelo califa Omar em 638, e sucessivamente por diversos líderes árabes que disputaram sua primazia sobre a região. Somente em 1099 a cidade seria retomada pelos cristãos, na Primeira Cruzada. O estabelecimento dos cruzados na Terra Santa incentivou a criação das Ordens Militares. "Nous ne savons pas si nos chevaliers étaient aussi en situation de détresse matérielle, mais nous savons qu'ils avaient décidé de se donner de s'affilier à deux institutions religieuses de Jérusalem: les chanoines réguliers du Saint-Sépulcre et les hospitaliers" (CERRINI, 213, p. 32). As Ordens religiosas foram marcadas por traços muito particulares e originais no que toca à sua capacidade de adaptação a um compromisso entre o mundo civil e religioso, e

de resposta a programas bélicos (COSTA, 2012). Outra característica destas ordens está na sua dependência direta em relação ao papado, conferindo-lhes uma aura maior de prestígio. Entre estas, Templários e Hospitalários adquiriram maior destaque:

> Apesar de suas diferenças já constituírem matéria bastante significativa não esgotam os traços que podemos identificar na definição da singularidade destes institutos religiosos, desde logo, tornada pública pela forma distinta com que os freires professos se apresentam ao mundo, devidamente identificados pelo uso de um hábito que simboliza um programa de vida muito específico. A referida divergência de campos de atuação está perfeitamente identificada desde os primórdios de cada uma delas.

Entre as funções iniciais das duas ordens estavam o cuidado e proteção aos peregrinos (hospitalários), e também a defesa do território (templários). Os freires de S. João prestavam cuidados assistenciais aos devotos que se dirigiam à Palestina. Em 1113 o papa Pascoal II reconheceu oficialmente a ordem. Aos poucos, contudo, também os hospitalários foram adquirindo força militar, sendo um braço armado na luta contra os muçulmanos, transferindo suas funções para além de seu local de origem. Em terras lusitanas, a prática caritativa foi inicialmente o principal motivo para a implantação dos hospitalários, ficando em segundo plano a necessidade militar. Com o crescimento da Ordem, seu viés militar foi pouco a pouco acentuado. As doações régias foram muito importantes na formação do patrimônio do Hospital. Sua primeira sede em Portugal foi em Leça de Balio e, posteriormente, no Crato (Nascimento, 2015). O contexto da ocupação territorial na Península Ibérica frente às disputas com os mouros foi fator preponderante na ação bélica protagonizada pelos hospitalários, destacando-se sua importância na manutenção das fronteiras.

2 - A Fronteira Ibérica e a Ordem do Hospital

Privilegiando inicialmente sua faceta assistencial, a Ordem do Hospital foi assumindo o cuidado dos peregrinos que se dirigiam à cidade de Compostela e implantou-se em vários pontos da cristandade latina: "Este êxito também esteve relacionado com o cumprimento de funções militares, tanto mais relevantes quanto se estava num tempo de expansão territorial, de formação de reinos e de definição de fronteiras" (COSTA, 2009, p. 17). O uso das armas associou-se ao fato desta ter surgido sob o signo de cruzada. O patrimônio hospitalário em Portugal foi ampliado quando D. Sancho I lhes doou terras em Guidintesta (1194), lugar em que construíram o castelo de Belver. Estes avanços foram importantes na salvaguarda dos territórios em disputas com as hostes muçulmanas, e claramente uma tentativa de solucionar as dificuldades defensivas frente ao avanço dos almóadas na região. Em *Las Navas de Tolosa* (1212) a vitória da coligação das tropas cristãs acelerou o processo de fortalecimento dos reinos ibéricos[3]. Do ponto de vista discursivo, essa vitória foi rememorada como uma cruzada contra os infiéis sarracenos e também trazia em si um grande capital simbólico, fortalecendo a confiança dos cristãos em sua tentativa de expulsar os muçulmanos de um território que consideravam seu. O avanço para o sul incentivou novas investidas militares ainda no século XIII:

> Assim, deve ter-se em conta o efeito do alargamento da fronteira para o extremo Sul de Portugal, que tornou estes territórios mais atrativos, pela hipótese de acumulação de benesses e de novas terras. Neste interesse pelo Sul, deve inserir-se o processo de senhorialização do território alentejano no contexto da política de D. Afonso III, domínio em que se destaca a constituição do senhorio de Portel e da comenda de Marmelar. (DONATO, 2013, p. 71).

O que mais nos interessa são as circunstâncias históricas da fundação do Mosteiro da Ordem de São João ou do Hospital em Marmelar. Como já dito, a essa comenda hospitalária esteve associada uma relíquia de relevo, advinda teoricamente da Vera Cruz. Conforme o Livro de Bens de D. João de Portel, importante cartulário do século XIII, em 1271 D. João Peres de Aboim e sua mulher concederam à Ordem do Hospital o padroado da igreja de Santa Maria de Portel, bem como de todas as igrejas do termo da referida localidade, definindo as respectivas condições[4]. A historiografia tem apontado o ano de 1268, para o estabelecimento da Ordem do Hospital nesta região. Conforme Nascimento (2016), nesse momento ainda não é feita nenhuma referência ao Santo Lenho, que provavelmente ainda não encontrava-se na região. Este fato sugere sua presença em data posterior à Batalha do Salado (1340)[5]. Não se sabe ao certo se teria sido o rei D. Afonso IV, ou o Prior do Crato D. Álvaro Gonçalves Pereira o responsável por levar a relíquia ao campo de batalha. Sobre a presença desta na batalha temos o seguinte relato:

> [...] depois que El rey de Portugal e a seu exemplo todos os mais se confesarão, chegando a peleja, mandou a D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, que antes de entrar na batalha, arvorace em huma comprida astea e pendão huma soberana relliquia do Santo Lenho que consigo trazia que de todo o exército foi visto, e com huma veneração adorado; [...] Adorado pois o sagrado Lenho e feito o signal de guerra de huma e outra parte se arremeteo com grande esforço, travandoce a batalha de sorte, que a pouco tempo, tudo erão clamores, alaridos, estragos, mortes e rios de sangue: então El rey D. Afonso metendoce pellos arrayais inimigos se adeantou tanto que a si e aos seus, poz em grande aperto e o que mais acrescentava o perigo era não terem vista do Santo Lenho, que atráz tinhão deixado, o que advertindo o Prior do Crato, escolheo trez animozos soldados que rompendo as linhas trouxecem arvorado o sagrado pendão com cuja vista cobrarão os Portuguezes tanto animo, que estando a batalha athe então mui duvidosa, não podendo mais os mouros soportar o ímpeto Portuguez, come- çarão a virar as costas vergonhozamente e dandolhe alcance fizerão os nossos nelles miserável estrago, indo sempre com elles o mesmo Rey D. Afonso[6]. (apud PAGARÁ et al., 2006, p. 54).

A relíquia associada à memória do Salado tornou-se objeto de disputas intensas entre os Góis/Farinha e os Pereira. A linhagem dos Pereira visava a legitimar suas ações colocando-se como protagonistas de eventos significativos da história portuguesa. Conforme Fátima Fernandes (2009, p. 422), observa-se a idealização de um ou dois componentes históricos da linhagem, "realçado[a] com tonalidades edificantes, cuja trajetória singular, mas não extra-humana serviria como referência de poder estendida a todo grupo que representava". Essa disputa entre as principais linhagens, que gravitavam ao redor da ordem, revela o significado da posse de relíquias e o *status* que estas poderiam representar a quem as possuíssem. Após a vitória das hostes portuguesas na Batalha do Salado, o Santo Lenho foi dividido em duas partes; uma ficou na Sé de Évora[7] e outra, a mais significativa, no território de Vera Cruz de Marmelar.

3 - O Santo Lenho de Marmelar: usos simbólicos e políticos

A religiosidade baseia-se em uma gama de significados que tem por objetivo aproximar o homem da divindade, do transcendente. Nesse aspecto as relíquias cumprem uma função cultual singular, pois revelam ao crente a presença tátil e visível do maravilhoso. Os milagres e a proteção que poderiam emanar desses objetos sagrados traziam conforto e segurança ao fiel. O homem medieval estava sempre à espera de prodígios que o ajudassem a resolver suas dificuldades frente ao acaso e ao desconhecido. Assim, a ideia de milagre solidificou-se na tradição cristã como manifestação maior da presença de Deus na terra. Conforme João Crisóstomo[8], arcebispo de Constantinopla, o milagre presente na Igreja de Cristo era ainda mais significativo que os prodígios que Deus havia feito entre o povo judeu:

> Os judeus viram milagres. Também tu os verás, e maiores e mais admiráveis que os do tempo em que os judeus saíram do Egito. Não viste o Faraó afogado no mar com o seu exército, mas viste o diabo submerso nas ondas com as suas hostes. Os judeus passaram o mar, tu passaste para além da morte. Eles foram libertados dos egípcios, tu foste libertado do poder do demônio[9]. (CRISÓSTOMO apud CORDEIRO, 2015, p. 705).

A crença na função taumatúrgica das relíquias revela como o homem se posiciona frente ao universo sobrenatural. Os poderes atribuídos a esses símbolos solidificam a ação do transcendente; "Se trata de um fenômeno extraordinário, contrário a las leyes de la naturaleza, atribuído a la intervención divina y cuya veracidade no es discutida por ele fiel devoto" (BORBOLLA, 2006, p. 676). A manifestação deste fenômeno mágico-religioso revela-se também em sua qualidade acolhedora e protetora, isto é, na segurança da presença, do abrigo que a relíquia poderia proporcionar. Sua função é rodeada de mistérios, tendo em si mesma uma auréola de santidade, formando parte de um universo sobrenatural, porém mais próximo e real. Nestes objetos os fiéis procuravam um aliado poderoso que os defendessem do mal e dos perigos. Devido a esta crença é que os amuletos sacros eram levados aos campos de batalhas, dando força ao exército, inspirando confiança na vitória. Funcionavam também como defensores de um espaço, de uma região e/ou localidade.

Da relação estreita entre os objetos santificados e o além nasce a certeza de que estar próximo às relíquias era, ao mesmo tempo, estar junto ao seu possuidor. No caso da Igreja de Marmelar, que possuía um fragmento da Santa Cruz, verificava-se a crença na presença do próprio Cristo. Em documento do século XVII, que tem por título "Tombo da Comenda da Vera Cruz feito a Instância do Comendador Frei Hieronimo de Brito de Mello no ano MCCCCCCXXXIII (1633), sendo comendador da dita Comenda"[10] se faz presente a seguinte transcrição: "Na qual Igreia pera a parte do evangelho junto do altar está huma caza pequena de abobeda na qual caza esta aquele presioso inextimável thezouro do lenho de santa vera Crus de Christo Nosso Redemptor"[11] (apud PAGARÁ et al., 2006, p. 115). Essa posse garantiu à comenda sua importância política e simbólica.

Conforme Paula Pinto Costa (2013, p. 227), a dimensão imaterial da comenda de Marmelar encontra-se em um contexto mais alargado, ligado às lógicas de organização da vertente sul de Portugal, articulando-se com a monarquia portuguesa, e as ressonâncias do Oriente Latino

na região. A vinda dos freires hospitalários ao território alentejano refletiu o alargamento da fronteira até o Algarve, no início do século XIII. A dimensão devocional centrada na comenda de Vera Cruz de Marmelar corroborou com sua implantação patrimonial, atraindo peregrinos à região e aumentando a importância simbólica do lugar. Em relação ao culto da Santa Vera Cruz em território português, Marques (2005) aponta três locais especiais no contexto medieval: Marmelar, Sé de Évora e a de São Tiago do Cacém[12], embora existam fragmentos do *Lenho* distribuídos em outras paróquias. Entre tais relíquias está a de Marmelar, trazida ao Alentejo para povoar, assegurar sua defesa e produtividade. O fragmento do Santo Lenho trouxe à comenda prestígio frente às demais localidades do reino. Por menor que fosse, em cada relíquia estava presente o corpo ou objeto sacralizado, em sua integralidade.

Considerações Finais

A exaltação dos locais da paixão de Cristo incentivou a estruturação do espaço cristão na Palestina. Inicialmente a Igreja do Santo Sepulcro e, ainda no século IV, a Basílica de Santa Cruz de Jerusalém em Roma foram as depositárias de partes do que a tradição relata como pedaços da verdadeira Cruz. Outros lugares foram demarcados na Terra Santa, através da construção de igrejas de grande prestígio para o cristianismo. Entre estas destacam-se também a Basílica da Natividade em Belém e a Igreja da Ascensão, no Monte das Oliveiras. Um dos principais incentivadores da adoração aos lugares santos foi São Cirilo, eleito bispo de Jerusalém em 350. Por sua capacidade de atrair peregrinos, tanto os corpos santos, como os vestígios que tiveram contato com estes adquiriram enorme valor simbólico. Com a expansão do cristianismo no Império Romano, após o século IV, novos signos foram solidificando-se na tradição desta religião. Entre estes as relíquias ganharam destaque, pois garantiam a presença física de seu antigo possuidor. Estas foram utilizadas como amuletos contra o mal, sendo também manipuladas pelo poder monárquico, que necessitava da sacralidade para legitimar-se.

Nos reinos ibéricos, o avanço das fronteiras frente ao domínio muçulmano criou a necessidade de povoar e garantir a cristianização de espaços chave, que consolidaram a presença dos reinos cristãos em vastos territórios. A Ordem do Hospital, criada no âmbito da Primeira Cruzada, foi fundamental na defesa da frente de disputas militares com os islâmicos. Neste sentido, a fronteira alentejada esteve protegida pela ação progressiva dessa ordem. Em Marmelar, a presença de um pequeno fragmento da Vera Cruz trouxe ao local *status* de santidade, buscando solidificar a presença cristã na região.

Notas

1 Adriano converteu o lugar desolado em uma moderna cidade helênica.

2 Quando foi proclamado Augusto pelas tropas romanas.

3 Ver Macedo (2013, p. 40-85).

4 Ver Azevedo (2003).

5 Ver também Costa (2013. p 207- 234).

6 Documento citado em Pagará (2006. p. 54).

7 Para adoração do fragmento da relíquia que se destinou a Évora, terá sido edificada uma ermida, sob a evocação de Santa Cruz, perto da Porta da Lagoa aonde em 1569, se veio a fundar o mosteiro franciscano de Santa Helena do Monte Calvário, segundo desejo da Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel. (PAGARÁ, 2006. p. 55).

8 Um dos quatro Doutores da Igreja Grega. Nasceu em Antioquia em 344. Foi proclamado patriarca de Constantinopla em 398. Foi deposto devido a intrigas da imperatriz Eudóxia, morrendo no exílio em 407.

9 Documento citado em Cordeiro (2015. p. 705).

10 Transcrição parcial.

11 Documento citado em Pagará (2006. p. 115).

12 Quanto às relíquias da Vera Cruz existentes em S. Tiago do Cacém, é tradição que terão vindo do Oriente, trazidas pelos familiares do jovem imperador João Lascaris, destronado pelo seu tutor Miguel Paleólogo em 1260. (MARQUES, 2005, p. 44)

Referências

AZEVEDO, Pedro de (Ed.). **Livro dos Bens de D. João de Portel, Cartulário do século XIII**. Lisboa: Câmara Municipal de Portele,Edições Colibri, 2003.

BORBOLLA, Angeles García de la. La Función del Santo en el Occidente Medieval. In: MERISALO.O (Ed.). **Frontiers in the Middle Ages:** Proceedings of the Third European Congress of the Medieval Studies (Jyväskylä, 10-14 June 2003). Turnhout: Brepols Publishers, 2006. p. 675- 691.

COSTA, Paula Maria P. História da Comenda. (Marmelar). In: FONSECA, Luís Adão da. **Fontes para o Estudo das Ordens religioso-militares**. Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional. *Militarium Ordinum Analecta.* Porto: Fronteira do caos editores, 2013. p 207- 234.

COSTA, Paula Pinto; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **A Visibilidade do Sagrado**: Relíquias Cristãs na Idade Média. Curitiba: Prismas, 2017.

CERRINI, Simonetta. L'économie idéale des Pauvres chavaliers du Christ et du Temple de Salomon d'après leur règle et leurs statuts: quelques réflexions. In: BAUDIN, Arnaud; BRUNEL, Ghislain; DOHRMANN, Nicolas (Org.**.). L'Économie Templière en Occident:** patrimoines, commerce, finances. Langres: Éditions Dominique Guéniot, 2013. p. 31-56.

CESARÉIA, Eusébio de. **Vida de Constantino.** Madrid: Editorial Gredos, 2010.

DONATO, Maria Bonet. A organização das Comendas na Península Ibérica. In: FONSECA, Luís Adão (Org.). **Comendas das Ordens Militares**: perfil nacional e inserção internacional: Noudar e Marmelar. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2013. p. 55- 96.

CORDEIRO. José de Leão (Org). **Antologia Litúrgica**: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio. Fátima (PT): Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

COSTA, Paula Pinto. As Ordens Militares: entre a História e a Historiografia. In: MARCHINI NETO, Dirceu; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Org.). **A Idade Média**: entre a História e a Historiografia. Goiânia: Editora PUC-GO, 2012. p. 9-51.

_____. **A presença dos Hospitalários em Portugal**. Gavião: Ramiro Leão, 2009.

_____. História da Comenda (Marmelar). In: FONSECA, Luís Adão (Org.). **Comendas das Ordens Militares:** perfil nacional e inserção internacional: Noudar e Marmelar. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2013. p 207- 234.

FERNANDES, Fátima Regina. A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira. In: JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6, 2009. CIBA, Porto de Mós, Alcobaça, Batalha. **Anais...**, v. I, CIBA, Porto de Mós, Alcobaça, Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 2009. p 421- 446.

GOUVEIA. Antonio Camões. Relíquias. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Ed.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal 4.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. p. 120- 125.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

MACEDO, José Rivair. Entre a cruz e o crescente: cristãos afro-muçulmanos e a Batalha de Las Navas de Tolosa (1212). In: GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Por São Jorge! Por São Tiago!** Batalhas e narrativas ibéricas medievais. Curitiba: UFPR, 2013. p. 40- 85.

MARAVAL, Pierre. Quando o Império Romano se torna Cristão: De Constantino a Teodósio. Da conversão do imperador à conversão do Império. In: CORBIN, Alain (Dir.). **História do Cristianismo**. Lisboa: Presença, 2008. p. 50- 53.

MARQUES, José. O culto da Santa Vera Cruz em Portugal. **Barcelos Revista**, Porto, 2ª série, p. 17- 58, 2005.

MATTOSO, José. **Poderes Invisíveis:** O Imaginário Medieval. Lisboa: Temas e Debates- Círculo de Leitores, 2001.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. A Cristianização do Espaço: O Protagonismo da Vera Cruz em Marmelar. **Revista Tempos Históricos**, Cascavel, v. 20, n. 2, p. 133-146, 2016.

_____. "Aos Pés da Santa Cruz": A Relíquia da Vera Cruz em Marmelar (Séculos XIII e XIV). **Revista de História da UEG**, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 254-263, 2015.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. O Jesus Histórico a Partir das Memórias Fantásticas. In: CHEVITARESE, A.; CORNELLI, G. (Org). A descoberta **do Jesus histórico**. SP: Paulinas, 2010.

PAGARÁ, Ana et. al. **Igreja Vera Cruz de Marmelar**. Portel: Página Editores, 2006.

Recebido em 12 de junho de 2017
Aceito em 05 de dezembro de 2017